

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

99

INSCRIÇÕES 446-447



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ÁRULA FUNERÁRIA DE TRÓIA
(*Conventus Pacensis*)

Árula funerária romana descoberta aquando da visita de estudo à orla do estuário do rio Sado que Inês Vaz Pinto fez com técnicos da empresa “Nova Conservação, Lda”, a 27 de Outubro de 2011. Foi recolhida no dia seguinte, depois de fotografada *in situ*, por Inês Vaz Pinto e Patrícia Brum.

Ficara à vista depois de forte tempestade, que provocou uma maré muito viva, que levou muita areia da orla. A peça estava deitada com a face epigrafada para baixo e encostada ao canto de um edifício, ao nível do pavimento desaparecido (Fig. 1). O edifício é de função desconhecida e fica imediatamente a sudeste da oficina de salga 17.¹ Não se conhece, nas imediações, necrópole a que esta árula pudesse pertencer.

De mármore róseo do tipo Estremoz /Vila Viçosa, com leve pátina amarela, está praticamente intacta; apenas as escoriações devidas às intempéries e reutilizações: na zona esquerda da moldura do capitel, na aresta esquerda do fuste, no soco da base (Fig. 2). A prolongada exposição à erosão desgastou a superfície epigrafada, de modo que as letras – gravadas, aliás,

¹ PINTO (Inês Vaz), MAGALHÃES (Ana Patrícia) e BRUM (Patrícia), «O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos *Cornelii Bocchi*», in CARDOSO (João Luís) e ALMAGRO-GORBEA (Martín) (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Colóquio Internacional de Tróia (6-8 de Outubro de 2010), Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, Lisboa – Madrid, 2011, p. 140.

muito tenuemente, a estilete, a denotar um ritmo cursivo – mais se intuem do que vêem (Fig. 3). Moldurada e alisada nas quatro faces. O capitel ostenta fôculo superior, perfeitamente côncavo, ladeado de dois toros cilíndricos lisos, solidários com o fôculo e delineados por sulco, a sugerir frontão central liso de topo arredondado, tanto na face dianteira como atrás (Fig. 4). Um conjunto notável do ponto de vista estético, como que assente num plinto – a lembrar ámulas dedicadas a Endovélico e, de modo especial, a ámula de Évora que perpetua a memória de Vivénia Bádia (Fig. 5).² Faixa saliente seguida de gola encurtada constituem a molduração superior do fuste, a que corresponde, na base, graciosa gola reversa. Pesa a ámula 24,6 kg.

Dimensões: 48,5 x 21,7/17/21,7 x 13/9,5/13.

Campo epigráfico: 20 x 16,8.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / TROPH[?]/[ME?] [VIX(it)
ANNIS] [?] / LX (sexaginta) [?] [H(ic) S(ita) E(st)] [?] / ⁵S(it) ·
T(ibi) · T(erra) · L(evis)

*Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Trofime (?).
(Viveu?) 60 anos. Que a terra te seja leve.*

Altura das letras: l. 1: 2 (S = 3); l. 2: 2,5 (H = 3); l. 3: 2,8; l. 4: 2,4; l. 5: 2,5. Espaços: 1: 0,7; 2: 1,5; 3: 1; 4: 1,7; 5: 1,5 (?); 6: 2.

Paginação com tendência para alinhamento à esquerda, de linhas espaçadas de forma a ser ocupado todo o campo epigráfico disponível.

Linha 1: D gravado sem prévio auxílio de escantilhão, pelo que a curvatura é, de facto, uma linha quebrada; segue-se pontuação triangular; M apenas perceptível nos vértices superiores; o ponto seguinte a um nível levemente inferior ao meio da linha; S lê-se

² IRCP 408. Aproveite-se o ensejo para informar que, na sequência das obras feitas no Hotel Planície, em Évora, onde a ámula fora encontrada, adquiriu-a o Doutor Rui Carita (da Universidade da Madeira), estando ainda em curso diligências para que dê entrada no museu da cidade, como já se noticiou em ENCARNAÇÃO (José d'), «IRCP – 25 anos depois», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, IGESPAR: Lisboa, vol. 11, nº 2, 2008, p. 225. Acrescente-se que, nesse texto, o monumento vem identificado, por lapso, como IRCP 382.

bem, simétrico, inclinado para diante, eventualmente seguido de ponto.

Linha 2: T de travessão longo e vértice inferior a terminar em V invertido, o que denota requinte no seu traçado; R esguio, sem que a curvatura toque na barra vertical; O ovalado, já menos perceptível, devido à erosão, na sua metade direita; identificar como P a letra seguinte não se nos afigura discutível, dado que se observa parte da haste vertical e a curvatura superior, sendo interpretável como resultado do desgaste a aparência de B, uma vez que eventual pança inferior não arrancaria do termo da superior. Também não cremos haver dúvida em identificar o H, bastante largo; o acentuado desgaste da superfície impedenos de garantir a última letra, onde se esperaria uma vogal, ainda que, à vista desarmada, seja D que se parece ler: cremos, todavia, que a pedra lascou precisamente a partir do traço do I. A junção PH, pela sua conotação grega (a equivaler ao som F), levou-nos a procurar paralelos nos *cognomina* gregos registados na epigrafia de Roma: Solin cita uma *Papiria Trophe*, liberta de Rufo e de uma mulher (CIL VI 37 693) e *Q. Minucius Trophus* (CIL VI 22 552).³ Tanto um como outro são casos únicos e, por isso, de mui escassa difusão para serem adoptados neste extremo ocidental do Império.

Linha 3: É no começo desta linha que o esborcelamento levou parte da superfície epigrafada; contudo, há a hipótese de termos aí a perna direita de um M, o que levaria a sugerir a leitura *Trophime* ou mesmo *Trophimae*, antropónimo esse registado na Hispânia e, inclusive, no *conventus Pacensis*.⁴ O desgaste a esse nível é grande e apenas poderemos supor – dado que nos parece ler LX no começo da linha seguinte – que aí viria a fórmula indicativa da idade da defunta; algo como VIX(it) ANNIS, por exemplo, ainda que esse formulário não seja corrente na epigrafia do sítio.

³ SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982, p. 1256 e 1032 (respectivamente).

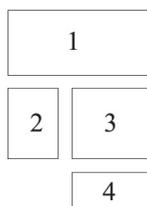
⁴ ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984 [=IRCP], p. 120 (nº 70); IDEM, «A história de uma escrava romana», *Al'ulyã* (Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé), vol. 8, 2001-2002, 23-33.

Nessa linha 4, estarão decerto as siglas H · S · E – H(ic) S(ita) E(st) –, completamente apagadas, porém, pois que as siglas S · T · T · L se reconstituem bem na l. 5, separadas por minúscula pontuação triangular: do S vê-se a quase totalidade; do primeiro T apenas se intui parte da barra; o segundo lê-se bem; do L resta o vértice e a totalidade da barra; não pode garantir-se que haja um ponto no final, mas é hipótese viável.⁵

Apesar das dúvidas, a árula insere-se no que conhecemos da epigrafia local datável de finais do século I da nossa era: assinala a sepultura de alguém que, de origem escrava, terá falecido com propecta idade (60 anos), se a nossa interpretação estiver correcta. Assinale-se, mais uma vez, a graciosidade da peça, certamente lavrada numa oficina de renome, que não teria clientes apenas em Tróia mas, pelo menos, na metade norte do *conventus Pacensis*. A possibilidade de laborar perto das pedreiras de Estremoz / Vila Viçosa não se nos afigura também despicienda.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO
INÊS VAZ PINTO
ANA PATRÍCIA MAGALHÃES
PATRÍCIA BRUM

⁵ Perante as dificuldades de leitura, solicitámos a Hugo Pires a gentileza de aplicar a este caso o processo fotográfico que introduziu («técnica de contraste 3 D_Polychrome»). De enorme utilidade noutras circunstâncias, tal procedimento não permitiu aqui um avanço maior na identificação dos caracteres gravados, dado o extremo desgaste da superfície. Das várias fotografias que teve a amabilidade de nos enviar (bem haja!) reproduzimos aquela em que utilizou o modelo 3D (Fig. 6), uma vez que os exemplos em bicromia e policromia não resultaram eficazes.





5

6

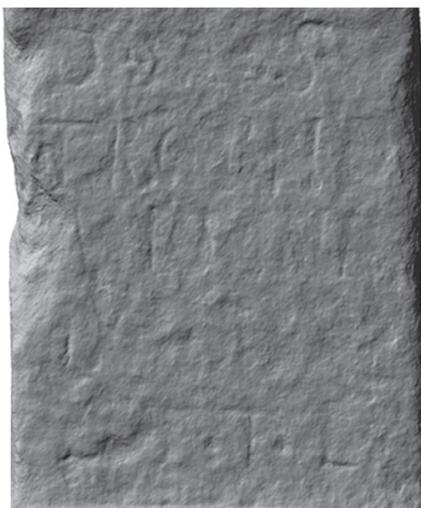


Foto: Ilucopires

447